

03-08-2022

**MEU NOME É...**  
**FRANCISCA JÚLIA**  
**Gyslaine Daureu Weltz**

[Estudante de Literatura]

*Só bem depois que eu nasci (em 1871) é que eu pude expressar que **minha vida encurta-se hora a hora.** Isso foi pouco tempo antes de 1920, o ano em que resolvi encurtá-la definitivamente. Voltei do cortejo fúnebre de Philadelpho e horas depois foi a minha vez. Eu já havia escrito um soneto (**Outra Vida**), mas só lhe dei sentido nesse momento.*



Francisca Júlia da Silva – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)

**OUTRA VIDA**

**Se o dia de hoje é igual ao dia que me espera  
 Depois, resta-me, entanto, o consolo incessante  
 De sentir, sob os pés, a cada passo adiante,  
 Que se muda o meu chão para o chão de outra esfera.**

**Eu não me esquivo à dor nem maldigo a severa  
 Lei que me condenou à tortura constante;  
 Porque em tudo adivinho a morte a todo instante,  
 Abro o seio, risonha, à mão que o dilacera.**

**No ambiente que me envolve há trevas do seu luto;  
 Na minha solidão a sua voz escuto,  
 E sinto, contra o meu, o seu hálito frio.**

**Morte, curta é a jornada e o meu fim está perto!  
 Feliz, contigo irei, sem olhar o deserto  
 Que deixo atrás de mim, vago, imenso, vazio...**

*Quando passei a escrever em **A Semana**, de **Valentim Magalhães**, no Rio de Janeiro, o crítico literário **João Ribeiro**, não acreditava que era uma mulher que escrevia. Ele achava que era **Raimundo Correia** que usava um pseudônimo feminino, no caso **Eu mesma**. Acho que o João ficou com raiva do Raimundo e passou a atacá-lo com um pseudônimo feminino (**Maria Azevedo**). Depois tudo foi esclarecido. Às mulheres era reservado um não lugar na literatura.*

*Depois de esclarecido, João Ribeiro se empenhou para que meu primeiro livro fosse publicado. Em 1895, nasceu **Mármore** e aí eu já era a Francisca Júlia de verdade. Já não era considerada um pseudônimo de algum outro poeta. Meu soneto **Sonho africano** é dedicado a João.*

**Sonho africano**

(a João Ribeiro)

Ei-lo em sua choupana. A lâmpada, suspensa  
 Ao teto, oscila; a um canto, um velho e ervado fimbo  
 Entrando, porta adentro, o sol forma-lhe um nimbo  
 Cor de cinábrio em torno à carapinha densa.

Estira-se no chão... tanta fadiga e doença!  
 Espreguiça, boceja... O apagado cachimbo  
 Na boca, nessa meia escuridão de limbo  
 Mole, semicerrando os dúbios olhos, pensa...

Pensa na pátria além.... As florestas gigantes  
 Se estendem, sob o azul, onde, cheios de mágoa,  
 Vivem negros reptis e enormes elefantes...

Calma em tudo. Dardeja o sol raios tranquilos...  
 Desce um rio, a cantar... Coalham-se à tona d'água  
 Em compacto apertão, os velhos crocodilos...

*Quando **Olavo Bilac** louvou-me na forma e na língua "por um banho maravilhoso de novidade e frescura", fiquei lisonjeada. Acho que cheguei a ter uma certa consagração pela difusão de minha escrita em diversas revistas. Em 1899 quando publiquei o **Livro da Infância** eu tinha a intenção de iniciar no Brasil uma literatura voltada para crianças. Como ainda não existia esse tipo de literatura eu o destinei às escolas públicas de São Paulo.*



*Deixo aqui a primeira estrofe de meu soneto*

**Caridade**

**A alma do homem se torna egoísta e má /  
 Porque a impiedade de hoje é a sua escola.  
 Essa, que no Evangelho se acrisola, Caridade cristã, onde é que está?**

**Nota do Editor:** A autora, Gyslaine Weltz, ao falar da poesia brasileira, como ela mesma diz, mergulha na essência do/as, autore/as, exerce uma alteridade psico-arqueológica, transmuta-se neles/as...

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.